

Motivos

Giselda Medeiros

I

Ah, quem me dera, poeta,
poder as tuas mãos encher de estrelas...
Ririam de mim, eu sei. Entanto,
Grávida de sonho e bêbada de encanto,
Iria ainda te acender auroras
Onde pudesses ensaiar teu canto...

Mas...

(sempre há um mas suspenso em nossos lábios)
as estrelas apressam-se em preparar auroras...
então, como roubá-las, sem que enviúve a noite
e esvazie a taça do luar?!
Dirás, por certo: "Tresloucada amiga,
o céu está tão alto, e é tão escura a noite!..."

II

O olor de sândalos evoca-me tua branca voz...
E o macio farfalhar do vento, que vem de ti,
roça-me a melodia da pele.
Girândolas de luz acendem-se em asas
íris para os meus olhos, murmura foz,
onde derramas o lento alvoroço de tuas águas.

Mas...

(eis o mas inevitável em nossos lábios!)
tuas águas celebram outros mares,
insensível memória;
celebram conchas de inusitado aroma.
E, lento, rio de mim mesma,

dão meu leito às correntezas que, a esmo,
o limo de minha história gravam – e só!

III

A vida é um barco de espantos... e sei
que nos damos a ele, muitas vezes, lépidos, fagueiros,
rios que somos de nós mesmos.
Gemendo tempestades, ensaiamos nossas memórias
imortalizando-nos no limo de nossas várzeas
ou a esperar o cio do luar.

Mas...

(como o mas é inevitável!)
ardemos em ventos de paixão e, eufóricos,
cantamos etéreas canções azuis
no cais de nossas ilhas, emersas
do infinito mar por onde escorre o barco,
que nos levará ao porto da solidão.

IV

Poeta, gosto do teu verso!
Espelho de tua alma, ele é tua aventura,
lírico reflexo dos murmúrios que vêm de tua voz.
Gosto da melodia sensual que deles se desprende,
ímã de sensibilidade do poeta,
ora timidamente criança,
ora amante afoito em seu ofício.

Mas, sabes, poeta? Vejo em teu verso
um Prometeu acorrentado
buscando um amor que vive a lhe escapar...
E sabes que esta é a sina do poeta!
do nada, simplesmente, sentir que tem o tudo
ou tendo o tudo, sentir que não tem nada!